

# O signo infantil em livros de artista

## RESUMO

Os livros infantis, de modo geral, antecipam o que será o livro no futuro. O que de mais interessante existe em termos editoriais no que diz respeito a materiais, formatos, cortes especiais e acabamentos, pode ser encontrado nos livros infantis. Que elementos podem distinguir um livro de artista feito para crianças de um livro infantil comum? É possível fazer essa distinção? Este texto aponta alguns temas comuns nessas obras, que também estão presentes em livros de artista: os livros para colorir, o alfabeto, histórias fantásticas, jogos e brincadeiras. A capacidade de imaginar e se encantar diante de uma obra de arte pode ser iniciada por meio do contato com as obras de Bruno Munari, Remy Charlip, Claude Closky, entre outros.

## ABSTRACT

Children's books generally anticipate what books in the future will be. What is the most interesting in terms of editorials in regard of materials, shapes, special cut-outs and finishings may be found in children books. What elements could distinguish an artist book made for children from common children's books? Is it possible to draw this distinction? This text highlights some ordinary subjects in such pieces that are also present in artists' books: coloring books, the alphabet, fantastic stories, games and child's play. The capacity to imagine and enchant oneself in face of a work of art may be awakened through the contact with works of Bruno Munari, Remy Charlip and Claude Closky, among others.

Existem livros que são destinados aos pequenos, e que são atraentes, agradáveis e interessantes para pessoas de qualquer idade. Existem livros feitos por artistas que têm um jeito inovador de colocar palavras e imagens juntas e usam a linguagem da arte para falar com as crianças (MAFFEI, 2008, p.17). E existem livros de artista que não foram feitos para crianças, mas contêm jogos ou brincadeiras, adotam formatos, cores e outros elementos encontrados em livros para crianças, e por isso podem ser entendidos e usados por elas.

O leitor deve estar se perguntando: por que signo infantil e não simplesmente livros de artista para crianças? Porque o signo infantil dá conta das três abordagens acima mencionadas. O *designer* Guto Lins (2002, p. 44) apresenta a seguinte definição de livro infantil: são livros que, pela temática, pelo uso de imagem, pelas cores, pelo formato, são indicados principalmente para as crianças. A presença de cada um desses elementos é um signo infantil em livros de artista.

O artista italiano Bruno Munari é um dos mais fecundos autores de livros para crianças. Os *Pré-Livros* de Munari, feitos para crianças que ainda não foram alfabetizadas, estimulam os sentidos, convidam ao toque de sua superfície lisa ou áspera, macia ou dura. A capa e a contracapa são idênticas, uma aparece invertida em relação a outra, de modo que a criança não fique constrangida de pegar o livro de maneira errada, podendo iniciar a leitura por qualquer lado. Ele usa tipos de encadernação variados: cordas, barbantes, argolas. Comercializados em uma caixa-livro contendo 12 exemplares pequenos, cada um dos *Pré-Livros* é feito com um material diferente. Um desses livros, feito de pano, tem em algumas páginas um pequeno corte, e um botão branco na página central pode abotoar uma ou mais páginas. Munari

antecipa boa parte do que viria a ser adotado em livro infantil nos últimos 50 anos: cortes e dobras, livros de pano, de plástico, de madeira.

A ideia de fazer um livro de pano que possa ser manipulado e que possa recombinar os elementos da página pode ser encontrada no trabalho do brasileiro Paulo Bruscky. O *Livroobjetojogo* (1993) é um livro costurado com retalhos de tecidos coloridos, com zíperes e fechos de formatos diversos. No *Livroobjetojogo*:

os botões sugerem os gestos cotidianos de abrir e fechar e solicitam a ação de quem com eles interage. A leitura desse livro é feita pelas mãos, convidadas a brincar em movimentos guiados pelo acaso, libertas dos automatismos dos gestos cotidianos. A percepção tátil desvencilha-se, assim, da funcionalidade exata das ações práticas e resgata o que de mais sensível pode haver no desejo imemorial de ler o mundo. (FREIRE, 2007, p. 53).

Ainda pensando nas crianças que não foram alfabetizadas, Munari criou em 1955 os *Livros ilegíveis*, utilizando papel colorido recortado. Existe uma semelhança entre os *Livros ilegíveis* de Munari e os *Gibis* de Raymundo Colares dos anos 1970. São livros sem imagem ou texto, apenas folhas de papel colorido recortado, em que o manuseio cria novas configurações. A diferença é que os livros de Munari foram pensados para estimular a imaginação e aguçar a curiosidade de uma criança, e os *Gibis* de Colares são desde o início obras de arte em forma de livro, destinadas a pessoas de qualquer idade.

É possível fazer alguma distinção entre um livro de artista para criança e um livro infantil comum, feito por um bom *designer* ou ilustrador? Um exemplo de livro que torna difícil essa distinção é *Da uno a dieci*, do italiano Alighiero Boetti. É uma caixa de

37 x 24 cm, contendo vinte cartões em folhas soltas, dez coloridos e dez em preto e branco, para colorir. Cada cartão tem impressão em apenas um lado e cada página corresponde a um número. Ele se parece muito com um livro infantil comum, do tipo educativo. Com ele, a criança aprende a contar de um a dez, mas aprende de quatro maneiras diferentes, simultaneamente. Em cada página aparece um numeral, o nome do numeral escrito por extenso, o desenho de dedos acompanhando a contagem dos números, e uma grade formada por quadrados cujo tamanho cresce proporcionalmente de uma página a outra. Em cada um desses quadrados, aparece uma letra ou um algarismo, de modo a escrever alternadamente o nome por extenso e o numeral, preenchendo todo o fundo da imagem.

Mas nem todo livro para criança feito por um artista é necessariamente um livro de artista, aqui entendido como uma categoria artística e não como mais um tipo de livro (livro de brinquedo, livro de receitas, livro para colorir etc.). A editora Callis, por exemplo, lançou em 1995, em parceria com uma loja de brinquedos, uma coleção de álbuns para colorir com desenhos de artistas brasileiros. Foram publicados quatro álbuns: Alex Cerveney, Carmela Gross, Ciro Cozzolino e Luiz Paulo Baravelli.

Em alguns casos, o artista atua como um ilustrador, que utiliza “critérios e conceitos tanto das artes plásticas quanto do *design* gráfico para poder interferir na forma do texto, transformando-o também em imagem” (LINS, 2002, p.47). Essa busca de integração entre texto e imagem é o que constitui os chamados *picture-books*, que não podem ser reduzidos ao termo livro de imagens, apesar de muitas vezes as duas expressões serem confundidas. Um exemplo de *picture-book* é a edição do poema *Ismália* de Alphonsus de Guimaraens, com aquarelas de Odilon Moraes. O livro tem formato de uma sanfona que se desdobra no sentido vertical, o que reforça o sentido do poema.

Não basta que o texto e a imagem sejam do mesmo autor para que seja considerado um livro de artista. É preciso pensar o livro como um todo, de modo que forma e conteúdo sejam indissociáveis. Uma das características do livro de artista é a autonomia projetual, quando o autor participa de todos os estágios da obra, desde a escolha de materiais, formato, leiaute, encadernação, impressão, mesmo que não execute pessoalmente as tarefas. O livro é uma obra em si, e não apenas o veículo para a transmissão de um conteúdo verbal. A experiência de manusear esses livros é parecida com a que as crianças vão encontrar mais tarde, diante de uma obra de arte:

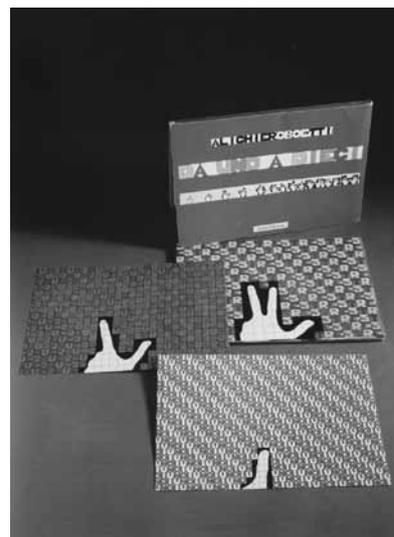


Fig 1. Alighiero Boetti,  
*Da uno a dieci*. Emme  
Edizioni, Milão, 1980.

a capacidade de maravilhamento, de surpresa, de estímulo ao olhar e à inteligência.

### **Livros de artista para crianças**

Uma publicação surpreendente é *On dirait qu'il neige*, de Remy Charlip, um livro de imagens sem imagens. Publicado em Nova York em 1957, é um livro que estimula a imaginação. O autor faz parte do grupo de artistas que nos fazem ver o branco sobre branco. Em suas páginas brancas, o texto aparece apenas no rodapé: "está nevando tanto que não se enxerga nada. Mas se você olhar melhor, verá Flocon, um menino esquimó". O livro fala de sua vida no Polo Norte, e seguimos suas aventuras na neve imaculada. Cada um imagina a seu modo as cenas descritas: a grande baleia branca, a cadela husky, as longas travessias de trenó e as batalhas de bolas de neve.

### CADA UM IMAGINA A SEU MODO AS CENAS DESCRITAS

---

Já o artista britânico Richard Long, atendendo a uma encomenda para criar um livro para crianças, fez uma viagem a pé atravessando a Inglaterra de uma costa a outra. Sua obra, chamada *A walk across England*, não é diferente da maioria de seus projetos artísticos que resultam em livros de artista: uma sequência de fotografias que ele realizou durante o percurso, acompanhadas de sentenças curtas em letras maiúsculas, impressas em vermelho. Mas seu olhar se deteve em coisas que pudessem interessar a uma criança: ele fotografa não um campo florido, mas o perfume das flores; não uma abelha, mas o seu zumbido. Ele acrescenta um pouco de humor em algumas de suas páginas, e convida as crianças (e os pais) a fazerem a viagem junto com ele.

Julian Opie, outro artista britânico, é autor do livro *Driving in the country*, um catálogo de exposição com 20 páginas coloridas, impresso em papel cartão, com cantos arredondados. O formato, a ausência de texto e o uso de imagens coloridas "sangrando" a página faz pensar que esse livro foi feito para crianças. O desenho simplificado de um carro vermelho atravessa de um lado a outro a página dupla. A paisagem se modifica de uma página a outra, e o azul do céu escurece gradativamente, colocando em evidência



a passagem do tempo que acompanha toda leitura. A publicação realiza um percurso narrativo do olhar, e atravessamos simultaneamente o livro, a cidade e o dia ao virar suas páginas.

Alguns temas que aparecem com frequência em livros infantis, como a investigação de diferentes formatos, livros com histórias de animais, livros sobre o alfabeto, livros para colorir, livros que fazem jogos ou brincadeiras e livros baseados em contos de fadas. Reunidos neste ensaio estão alguns exemplos para facilitar a comparação de livros de artista com os livros infantis.

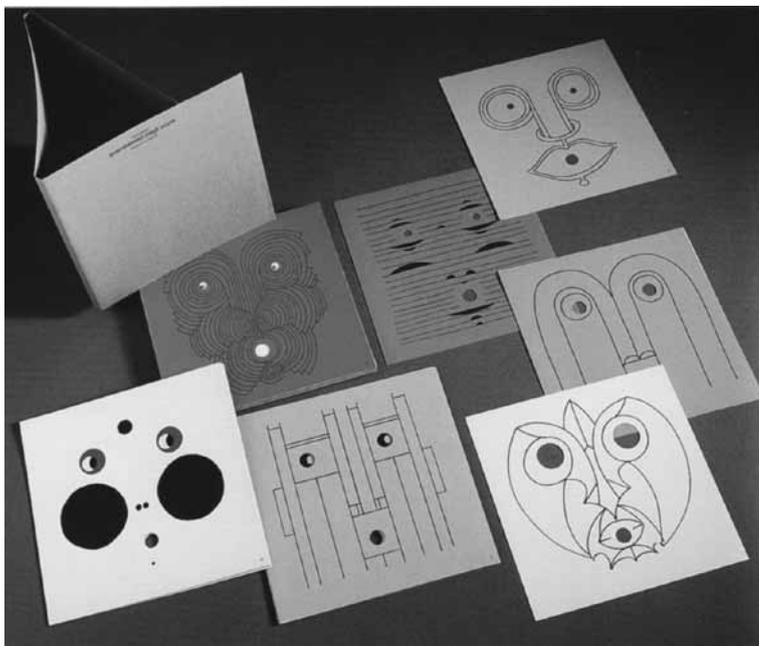
### **Modos de contar: o formato**

*O livro inclinado*, de Peter Newell, publicado originalmente em 1910, rompeu com a forma tradicional do livro. Um corte em ângulo no pé e na cabeça do livro muda a leitura da imagem de um carrinho de bebê desgovernado, correndo ladeira abaixo. O formato contribui para a narrativa. Apesar de texto e imagem ocuparem páginas opostas, o livro foi pensado de modo a integrar os elementos: o posicionamento da ilustração em relação à página, o texto e a imagem em relação ao formato ou a estrutura do livro.

*Quem espia se arrepiá* é um livro de imagens de Eva Furnari, publicado pela FTD em uma encadernação chamada de portas francesas: a capa tem quatro vezes a largura das páginas, com três dobras, de modo que em cada extremidade haja um caderno grampeado. Um caderno abre para a direita e o outro para a esquerda, colocando as imagens frente a frente. Assim, personagens se enfrentam, como o cavaleiro e o dragão, o policial

Fig. 2. Julian Opie, *Driving in the country*.  
Julian Opie/CCC, Tours, 1996.

Fig. 3. Bruno Munari,  
*Guardiamoci negli  
occhi / Look into my  
eyes*. Mântua, Corraini  
Edizioni, 1992



e o ladrão. Eva Furnari aproveita essa situação de confronto para criar situações engraçadas e muitas vezes inusitadas: um bebê chora e aponta para um fotógrafo lambe-lambe, mas ao virar a página é um palhaço quem faz careta para o fotógrafo. A narrativa é criada e depois alterada pela combinação de imagens.

tor escolha de que forma quer olhar para esse conjunto de rostos, e deixa nas mãos do leitor a sequência ideal de leitura. Os olhos e a boca são vazados e em cada página o orifício do olho tem um tamanho, de modo que as folhas coloridas, quando sobrepostas, possam modificar a cor dos olhos, ao mostrar uma área colorida da página que está por baixo. Na contracapa, um texto de Munari incita a misturar as páginas e “olhar o mundo através dos olhos de outras pessoas”. Daí o título *Look into my eyes*.

### Livros sobre animais

O formato também contribui para criar surpresa, e Bruno Munari explorou diversos recursos para contar histórias. O modo de contar, no seu caso, é tão importante quanto a história a ser contada. No livro *Il venditore di animali*, por exemplo, cada página tem uma largura diferente, e aparecem em ordem decrescente, a primeira é a maior, e tem quase o mesmo tamanho da capa, e a penúltima é apenas uma tira de papel. Um homem segurando uma coleira, impresso na extremidade da terceira capa, é visível o tempo todo. Ao virar as páginas, outro animal aparece na coleira: um tatu, um morcego, um porco-espinho, uma centopeia.

Animais formam um tema que faz muito sucesso entre os pequenos. Munari tem mais livros com a temática, como *Zoo*, *Il merlo ha perso il becco*, *La rana Romilda*, *Toc-toc* e *Storie di tre uccellini*.

Outro designer italiano, Enzo Mari, fez um livro no formato sanfona chamado *L'Altalena*, de 1961. É um livro onde 16 animais se encaixam e se sobrepõem, tentando manter o balanço. Em cada página aparece mais um animal que desestabiliza um lado da gangorra, e assim a narrativa continua,

Outra maneira de utilizar a combinação de imagens para modificar a leitura é o livro *Facetasm*, de Gary Panter e Charles Burns. São 16 rostos desenhados em preto e branco, um em cada página, com um estilo que remete às histórias de terror e ficção científica dos anos 1950. A página recebe dois cortes, um na altura da testa e outro entre o nariz e a boca, de modo a formar três seções, que misturadas chegam a até 700 combinações.

Bruno Munari fez um livro de folhas soltas e intercambiáveis, onde 25 rostos são desenhados em diversos estilos, impressos em preto sobre papel cartão colorido. Munari permite que o lei-

com os animais alternadamente distribuídos nas duas extremidades, até que todos os animais estejam na gangorra. Um livro sem palavras, mas que fala das formas, das quantidades, do peso e do equilíbrio.

Existe ainda um livro de Guido Van Genechten que explora o formato sanfona para surpreender o leitor: cada página virada faz aparecer um detalhe a mais na paisagem, mostrando no lado direito da cena um animal diferente. A pergunta do título – *É um caracol?* – deve ser respondida com o virar das páginas. O que parecia ser a ponta do corpo de um caracol pode ser a extremidade do corpo de uma borboleta, o rabo de uma cobra ou a ponta da língua de um camaleão.

EXISTEM ALGUMAS SURPRESAS ESCONDIDAS ENTRE SUAS PÁGINAS, ONDE FORMAS RECORTADAS TORNAM AS CENAS TRIDIMENSIONAIS.

---

O artista japonês Yoshitomo Nara introduz um elemento fantástico nas narrativas que envolvem animais. *The Lonesome Puppy* é a história de um cachorro gigante que vivia solitário porque ele era tão grande que ninguém o via. Um dia, uma garotinha percebe sua enorme pata, escala seu dorso, sobe em seu focinho, canta para ele e se torna sua amiga. O artista usa muitos *close-ups* do cachorro e da menina, para dar ideia do tamanho da criatura e mostrar as reações da garotinha. Uma das sequências mais interessantes mostra em páginas sucessivas o cachorro encarando a menina e o olhar de espanto da garota, tendo ao fundo uma bolota vermelha que descobrimos depois tratar-se do nariz do cachorro.

O livro *Blue to blue*, do artista japonês Katsumi Komagata, conta o ciclo de vida de um salmão usando papéis recortados. Na capa podemos ver, através de uma espécie de escotilha, diferentes tons e texturas de papel azul usados para ilustrar a história – cada página é feita com um papel em um tom de azul, cortado em alturas diferentes no topo, em forma de ondas, de modo que a última página é a maior e a primeira é a menor. Existem algumas surpresas escondidas entre suas páginas, onde formas recortadas tornam as cenas tridimensionais.

Komagata faz edições tão delicadas que seus livros parecem um tesouro. Em 1990, com o nascimento da sua filha Ai, ele imaginou a série *Little eyes*, publicada por Kaisei Sha. São jogos visuais que seguem a aprendizagem da

criança dos três meses aos três anos e estimulam o seu olhar e a sua imaginação. Ele tem a sua própria editora, a *One Stroke*, e também colaborou em uma série de livros tácteis para crianças com grande déficit visual, iniciada por Sophie Curtil, realizando duas obras: *Plis et plans (Les Doigts qui rêvent, Les Trois Ourses, One Stroke, 2003)* e *Feuilles (Les Doigts qui rêvent, Les Trois Ourses, One Stroke, Centro Georges Pompidou, 2004)*. A pedido da prefeitura de Grenoble, concebeu *L'endroit où dorment les étoiles*, que foi oferecido a todos os bebês nascidos em 2004 naquela cidade.

O livro de Christophe Boutin, *Un singe en ville*, é um caso à parte: o personagem é um gorila chamado Richard, que passeia pela cidade. O artista utiliza fotografias em preto e branco de uma pessoa com fantasia de gorila realizando diversas atividades cotidianas: ler jornal, almoçar, andar de bicicleta, sacar dinheiro no caixa eletrônico etc. A fotografia é pouco usada como ilustração em livro infantil, e a ideia de usar imagens em preto e

Fig. 4. Christophe Boutin, *Un singe en ville*. Paris, Seuil Jeunesse, 2003.



branco foge completamente do livro ilustrado convencional. O texto, bem-humorado, aparece na forma de um cabeçalho, inserido em uma faixa de cor que muda em cada página, do amarelo ao laranja e vermelho, azul ou verde. O humor aparece como um elemento distintivo – na contracapa, acima da fotografia do gorila segurando uma flor, o texto diz que Richard não é bonito, mas é muito gentil.

Essa publicação faz parte de uma coleção de livros de artista para crianças, criada por Boutin em uma grande editora francesa. Todos têm o mesmo formato e o mesmo número de páginas. A coleção conta com convidados ilustres, como Paul Armand Gette, Annette Messenger, Claude Closky e Jean Le Gac, e os livros esgotaram-se rapidamente.

## Alfabetos

Uma tendência recorrente em livros infantis são os abecedários, em que a sequência de páginas é determinada pela sequência das letras no alfabeto.

No livro *Alphabeasties*, de Sharon Werner e Sarah Forss, o trocadilho do título indica o procedimento de composição usado nos caligramas que ilustram o livro: os animais são desenhados usando apenas a letra inicial do nome do bicho representado. A variação do tamanho das letras, o uso de diferentes famílias tipográficas, a combinação de maiúsculas e minúsculas, criam texturas que tornam mais interessantes as silhuetas pretas. Nesse tipo de livro, os animais são apresentados em ordem alfabética. A página que corresponde à letra “o”, por exemplo, mostra os tentáculos de um polvo saindo de uma área colorida, como se escondido atrás de uma pedra, mas na verdade é uma aba que se desdobra e mostra o polvo por inteiro.

O brasileiro Roberto de Vicq também publicou um abecedário de animais, chamado *Bembo's Zoo*, com o subtítulo *An animal ABC book*. Dessa vez, foram usadas todas as letras que formam o nome de cada animal para a composição dos desenhos. O título do livro é uma referência ao tipo utilizado em todas as imagens: desenhado por Francesco Griffò e usado pela primeira vez na obra *De Aetna*, de Pietro Bembo, impresso em 1496 por Aldus Manucius.

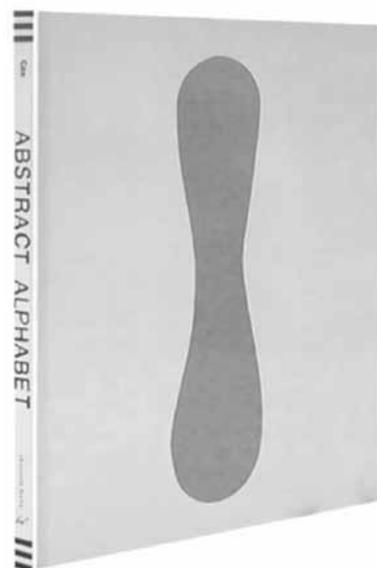


Fig. 5. Paul Cox, *Abstract alphabet*. San Francisco, Chronicle Books, 2001.

Já em *Abstract alphabet*, Paul Cox transforma esse tipo de livro em um jogo, uma brincadeira. Ele inventou um alfabeto com formas simples, atribuiu uma cor para cada uma, e depois escreveu o nome de animais utilizando esse alfabeto inventado. Existe uma aba na folha de rosto, com a chave de decifração, que a criança pode usar ou tentar descobrir sozinha o que está escrito.

O livro *Alphabets* de Peter Blake, apesar de remeter a antigas cartilhas de alfabetização, não é um livro para crianças. Em cada página há uma colagem que corresponde a uma letra do alfabeto e que mostra estilos de letras diversos, ao lado de objetos cujo nome inicia-se com a mesma letra. É um procedimento de associação de letras e imagens muito utilizado em cartilhas, e por isso tem sido confundido com livros infantis.

Marion Bataille utilizou a engenharia de papel para fazer um criativo alfabeto tridimensional. Ao virar as páginas de *ABC3D*, nos surpreendemos com as soluções que ela encontra para cada letra, de modo a manter o entusiasmo do leitor do início ao fim. Utilizando apenas o preto, branco e vermelho, o livro é uma demonstração de habilidade na execução de *pop ups*. A publicação inicialmente

era recomendada para crianças pequenas, de três a cinco anos, mas depois editores e livreiros perceberam que o livro era muito delicado, sendo recomendado para crianças mais velhas. A obra faz sucesso entre os *designers*, o que coloca em evidência uma característica de livros de artista feitos para crianças que os distingue da maioria dos livros infantis: os adultos também gostam, e se divertem, com esses livros.

### Jogos e brincadeiras

A ideia de compor sua própria história se torna realidade no livro *Plus and Minus* de Bruno Munari. Elementos isolados são impressos em papel transparente, em páginas soltas. É preciso combinar três ou quatro páginas sobrepostas para formar uma cena, uma paisagem ou objeto. Munari requer a participação do leitor diretamente na reconstrução do livro. Eu chamo esse tipo de livro de investigativo, pois as obras são instigantes, mesmo para um adulto.

O francês Hervé Tullet fez um dos livros mais inteligentes do gênero, chamado *The Scribble Book*. Nele, as crianças pequenas são convidadas a completar as ilustrações fazendo garatujas, que servem para alimentar um monstro faminto, ou para apagar o fogo. As garatujas são o macarrão do prato vazio ou a fumaça de um vulcão. O livro é irreverente, contraria as convenções dos livros pré-escolares que limitam com um contorno as áreas que devem ser coloridas.

Pablo Echaurren fez um livro “deseducativo”, onde a criança deve desobedecer a instrução da capa: *Do not open!*. O que a criança não pode fazer de verdade, pode fazer nesse livro. Pode enfiar o dedo no nariz, espiar pelo buraco da fechadura

(em uma página com uma área vazada no formato de um buraco de fechadura, o texto diz para colar do outro lado uma imagem do que gostaria de espiar) ou pisar em flores (acima de uma imagem colorida de flores do Andy Warhol há a instrução: pise aqui). Pode até grudar chicletes (e anotar ao lado o sabor, a marca e a data, para voltar a mascar depois, se quiser).

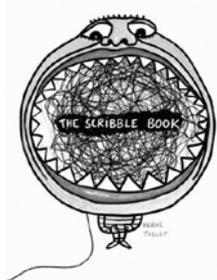
Parecido com um livro de atividades, *Nina's Book of Little Things*, do artista Keith Haring, foi feito para dar de presente para Nina, filha do seu amigo Clemente. O texto, em tom de conversa, trata de coisas pequenas que cabem em um livro. Ele deixa uma dupla de páginas em branco, com a inscrição “Oops! Uma página vazia. Imagine coisas pequenas”. Em outra página, em que aparece o desenho de um coelho subindo uma escada que acaba no topo da página, o texto diz “Desenhe as pequenas coisas que o coelho encontrou no topo da escada”. O desenho aponta para fora do livro, para o mundo externo. A todo momento, o livro é um convite à participação, não só para seguir as instruções e desenhar, mas para pensar e sentir.

### Onde estão as cores?

O livro *Coloriage*, de Claude Closky, é um livro destinado ao público adulto, mas que agrada aos pequenos. O livro tem 150 páginas, quase todas idênticas, com uma grade de quatro colunas por seis linhas, formando 24 quadrados, desenhados com uma linha de contorno grossa. Na última página, um breve texto do artista indica: “Você pode colorir este livro com lápis de cor, aquarela, canetinha, pastel”.

Jean Le Gac, por sua vez, pede a participação (discreta) do leitor, associando fotografias e pinturas,

Fig. 6. Hervé Tullet, *The Scribble Book*. Londres, Tate Publishing, 2008.

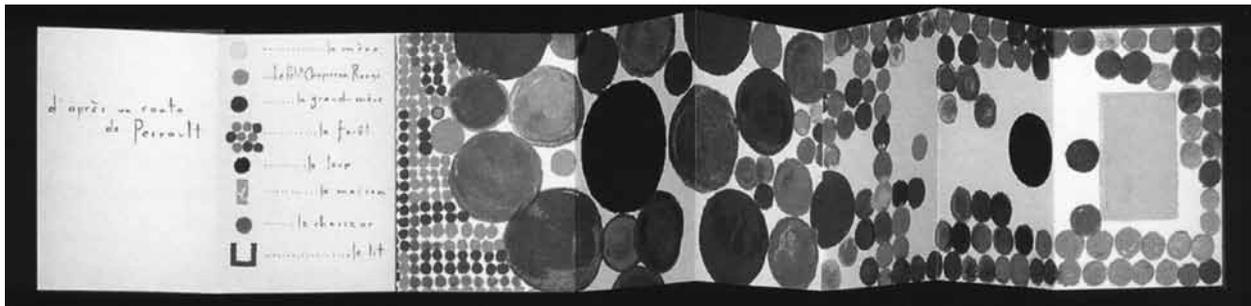


perguntando sempre onde estão as cores (*Où sont les couleurs?*). Em algumas páginas, existe uma cor de fundo e uma moldura desenhada, com o espaço dentro da moldura vazio, indicando que uma fotografia deve ser colada naquele espaço. Faz parte da coleção criada por Christophe Boutin.

Em 1969, Ziraldo publicou pela editora Expressão e Cultura um livro infantil que foi merecidamente mostrado na 1ª Exposição Nacional de Livro de Artista, realizada em Recife, em 1983. A experimentação no plano do conteúdo é acompanhada de experimentação formal: em *Flicts*, cor e palavra se desdobravam, unidas e mutuamente significantes (PONTUAL, 1971 cit. SILVEIRA, p. 163). O livro recebeu o seguinte comentário de Carlos Drummond de Andrade:

Ziraldo abriu mão de suas artimanhas todas para revelar *Flicts* com absoluta economia de meios, ou, antes, sem meio algum. E dá-nos a festa da cor como realidade profunda, e não mera impressão da luz no olho. Sua revelação é fulgurante. Faz explodir a carga emocional e mental que as cores trazem consigo. (CASCARELLI, 2007, p. 143)

Fig. 7. Warja Lavater, *Le Petit Chaperon Rouge*. Une imagerie d'après un conte de Perrault. Paris: Adrien Maeght, 1965.



### Contos de fadas

O título é um pouco enganador: *Histoire de l'Art*, de Paul Cox, é uma história que parece um conto de fadas: em um reino distante, o amor impossível entre uma princesa e um artista apaixonado. O artista ganha de presente um pincel mágico, que dá vida a tudo o que ele pinta. Mas o mundo da pintura continua sendo um mundo bidimensional, da representação, e todos os seres que ganham vida não possuem volume. Um rei que ganhou vida pelo pincel mágico decide visitar um museu e se apaixona pela pintura de uma mulher egípcia. O epílogo diz: na próxima vez que você visitar um museu e disserem que a pintura parece estar te olhando, não se deixe enganar: ela está olhando mesmo.

Para finalizar, cito dois livros que retomam clássicos da literatura infantil, dois contos de fadas bem conhecidos. Warja Lavater fez uma espécie de tradução intersemiótica da história de Chapeuzinho Vermelho. A história é narrada por sinais gráficos, os personagens são substituídos por pontos coloridos. Uma legenda auxilia a leitura: um ponto azul é a vovozinha, o caçador é um ponto marrom. O ponto preto é o lobo.

A HISTÓRIA DA BELA JOVEM QUE CAI EM SONO PROFUNDO, À ESPERA DO PRÍNCIPE  
ENCANTADO, CONTADA CENTENAS DE VEZES, CONTINUA LÁ, RECONHECÍVEL  
APESAR DAS OMISSÕES.

---

Por sua vez, A Bela Adormecida, na versão de Emilio Isgró, recebe o mesmo tratamento gráfico de um livro muito conhecido do artista: alguns trechos do texto são pintados de preto, tornando-se manchas. Nessa edição, *La bella addormentata nel bosco: favola cancellata da Emilio Isgró*, ele cobriu também as ilustrações e até os fólhos. A história da bela jovem que cai em sono profundo, à espera do príncipe encantado, contada centenas de vezes, continua lá, reconhecível apesar das omissões.

### **Livros, artistas e crianças**

Se consideramos como livro de artista qualquer livro que reproduz imagens de um artista, o que incluiria livros ilustrados, diários, cadernos de esboços, anotações de viagem e textos teóricos, devemos incluir nessa lista os livros para colorir que possuem desenhos a traço reproduzindo pinturas de artistas famosos. Mas esse tipo de livro geralmente é uma iniciativa do editor, que escolhe um grupo de desenhos ou pinturas que não foram feitos para uma publicação. Desse modo, o livro de artista se confundiria com o livro de arte e o livro sobre arte.

A palavra “artista” pode ser tomada em sentido amplo – pintores, escultores, fotógrafos, *designers*, ilustradores, como fez a Biblioteca Pública de Merano, na Itália, que possui um acervo de livros de artista para crianças.<sup>1</sup> Essa escolha, considerada isoladamente, tem a vantagem de incluir entre os livros de artista trabalhos de ilustradores que se destacaram, como *Zoom*, de Istvan

<sup>1</sup> Ó.P.L.A. - Oásis para Livros de Artista.  
<http://www.gemeinde.meran.bz.it/opla>

Banyai, mas com o inconveniente de não permitir nenhuma distinção entre o livro ilustrado e o livro de artista para criança.

Assim como os *designers* de livros infantis exerceram influência na estrutura de livros de artista, principalmente no uso de *pop-ups* e janelas, pesquisas de materiais e formatos (HUBERT&HUBERT, 1999, p.8), alguns livros aqui descritos utilizam o que eu chamo de estratégias do livro de artista: a construção de narrativas que exploram o livro como suporte, procedimentos em relação à composição da página, decisões quanto ao formato ou acabamento que se tornaram comuns em livros de artista e que são usadas em produções comerciais como forma de se destacar da maioria dos outros livros. Nesse caso, o projeto gráfico está de tal modo integrado com a narrativa que o livro não pode ser apresentado de outra forma sem prejuízo para a narrativa.

Quando o livro infantil deixa de ser apenas o veículo para transmitir uma informação, contar uma história ou entreter, e passa a ser considerado como um todo, como o suporte material que determina como deve se desenrolar a leitura, então o livro infantil pode ser considerado um livro de artista. O artista se aproxima da criança quando se permite experimentar. Sua brincadeira com palavras, desenhos, formas, cores e superfícies que contribuem para a construção do sentido resulta em um livro de artista muito parecido com livros infantis.

## REFERÊNCIAS

CASCARELLI, Claudia. *Flicts, livro de artista*. Dissertação de mestrado. São Paulo: Unesp, 2007.

FREIRE, Cristina. "Livroobjetojogo". in FARIAS, Agnaldo (Org). *Obras comentadas do Museu de Arte Moderna*. São Paulo: Mam, 2007.

HUBERT, Renée Riese; HUBERT, Judd David. *The cutting edge of reading: artists' books*. New York: Granary Books, 1999.

LINS, Guto. *Livro infantil? Projeto gráfico, metodologia, subjetividade*. São Paulo: Rosari, 2004.

MAFFEI, Giorgio. *Children's corner: artist's books for children*. Milão: Corraini, 2008.

MAFFEI, Giorgio. *Looking, Telling, Thinking, Collecting*. Milão: Corraini, 2005.